

IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE PESQUISA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ENTREVISTA COM CLAUDIO PINTO NUNES

IMPORTANCE OF RESEARCH GROUPS AND THEIR CONTRIBUTION TO EDUCATION OF YOUTH AND ADULTS: AN INTERVIEW WITH CLAUDIO PINTO NUNES

Claudio Pinto Nunes¹

Adenilson Souza Cunha Júnior²

Os grupos de pesquisa existentes nas instituições de ensino superior e no INCT, muitos dos quais integram também os programas de pós-graduação dessas instituições. É nesses grupos onde estão muitos dos principais pesquisadores realizando investigações e formando novos pesquisadores para a ciência nacional e internacional nas diferentes áreas do conhecimento.

Degn *et al* (2018) compreendem que um grupo de pesquisa se constitui por um coletivo que atua com interdependência das tarefas, pautados na perspectiva do compartilhamento da responsabilidade pelos resultados e que trabalham em cooperação na solução de questões próprias do processo de investigação.


Entender um pouco mais os grupos de pesquisa de uma determinada área, sobretudo, no que se refere à sua produção científica, em termos de quantidade e canais de comunicação é importante para desvelar como cada área do conhecimento tem se comportado, como tem crescido e expandido, e mesmo se precisa ser revitalizada.

Apoiados em estudos de Meadows (1999), Orrico e Oliveira (2005), é possível registrar que os grupos de pesquisa se estruturam e se configuram pelo compartilhamento de interesse de pesquisa, campo temático, opções epistemológicas, teóricas e metodológicas. Além disso, os grupos de pesquisas terminam, ainda, por se organizar suas ações em torno de condutas baseadas em normas, valores e crenças, e com relação

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: claudionunesba@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1514-6961>

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: adenilsoncunha@uesb.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3622-1799>

● Informações completas no final do texto

interdependente entre os seus membros, conforme afirmam Moreira, Vilan Filho e Muelle (2015).

Nesse sentido, realizamos uma entrevista com o professor Claudio Pinto Nunes, no intuito de captar como ele tem pensado a importância dos grupos de pesquisa, de modo geral, e sua contribuição para a Educação de Jovens e Adultos, de modo específico, a partir de alguns elementos que consideramos fundamentais para compreender o percurso e as compreensões de Nunes, tomando como foco alguns eixos para a diálogo.

O professor Claudio Pinto Nunes é graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 1998, concluiu o Mestrado em Educação e Pesquisa pela Université Du Québec À Chicoutimi (UQAC), em 2005, e o Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 2010, tendo realizado um Estágio Doutoral na Universidade de Coimbra (UC), em 2008. Posteriormente, ele realizou um Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (de 2012 a 2013). Atualmente é professor Titular Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); onde atua há quase duas décadas e meia como docente dos cursos de licenciatura, e desde 2013 é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB, já tendo exercido a função de coordenador em diferentes períodos. Na UESB Nunes também coordenou, pela instituição receptora, o Doutorado Interinstitucional em Educação entre o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UESB, e o Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), da UNEB, de 2019 a 2023. Ainda se tratando de sua atuação na pós-graduação, Nunes é professor visitante na Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação desde 2022 e é coordenador adjunto pela instituição promotora do Doutorado Interinstitucional em Educação da UFS com a Universidade Rovuma (UniRovuma), em Moçambique, desde 2023.

Na UESB o professor exerce diferentes funções. Ele foi Coordenador de Gestão do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), de 2013 a 2018; é editor da Revista Práxis Educacional, desde 2015, e da Revista Educação em Páginas (Redupa), desde 2022. Nesse mesmo campo, ele tem colaborado na equipe editorial da Education Review, da Arizona State University (ASU), dos Estados Unidos, desde 2019. Por conta de sua atuação como editor, Nunes é membro do Fórum de Editores de Periódicos da Área de

Educação (FEPAE), tendo sido vice coordenador nacional, de 2017 a 2019, e coordenador da sessão Regional Norte e Nordeste do FEPAE-NNE, de 2016 a 2018.

Nunes tem desenvolvido uma atuação presente em associações científicas, ele é vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped); à Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAe); e à Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE). Na ANPEd ele exerceu a função de vice-presidente Nordeste no período de 2019 a 2023 e atualmente é diretor financeiro da mesma Associação.

É líder do Grupo de Pesquisas sobre Didática, Formação e Trabalho Docente (Difort/CNPq) desde 2013, é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino e aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas relacionados à didática, formação e trabalho de profissionais da educação, políticas educacionais.

A conversa com o professor foi longa e abordou alguns eixos centrais: a) a EJA como um campo de pesquisa; b) a didática, a formação de professores e o trabalho docente no contexto da EJA; c) o potencial das aprendizagens experienciais pelos discentes da EJA e a educação para a cidadania; d) a articulação dos grupos de pesquisa que se ocupam do campo da EJA e sua articulação com outros grupos sobre temáticas que dialogam entre si; e) a importância dos grupos de pesquisa para a consolidação do processo de interiorização da pós-graduação; f) a atuação dos grupos de pesquisa na formação do futuro pesquisador; g) o aumento do número de grupos de pesquisa que são voltados para a EJA. h) a articulação entre os grupos, ainda que sejam de áreas temáticas convergentes; e i) as experiências do professor Claudio Nunes com a EJA e suas percepções sobre o campo temático no contexto atual.

A Educação de Jovens e Adultos é um campo de pesquisa que ainda carece de uma teoria própria e isso se deve muito ao “lugar secundário” que a modalidade historicamente tem ocupado. Como você enxerga a EJA no conjunto das políticas educacionais atualmente?

R. Sempre compreendi a EJA como uma oportunidade que o Estado deve criar, fomentar e estabelecer políticas e práticas consistentes para garantir aos cidadãos a

retomada ou o início de seus processos de escolarização, ainda que em outro momento de suas vidas. É preciso reconhecer que há uma dívida com boa parte da sociedade que não pode se dedicar aos estudos regularmente durante a infância e a adolescência, pois as razões que fazem com que uma criança não inicie seus processos de escolarização ou um adolescente interrompa seus estudos não podem ser vistos como pura e simples displicência ou descuido ou mesmo falta de interesse da pessoa em tão pouca idade, quando não tem ainda maturidade e discernimento para tomada de decisões tão sérias.

Há que se reconhecer que há razões econômicas, sociais e culturais que são definidoras do fato de haver pessoas jovens e adultas que não iniciaram ou não seguiram adiante nas jornadas escolares. Isso significa que precisamos seguir tratando, estudando, pesquisando e militando em defesa da EJA. A defesa da EJA a que me refiro não é apenas para garantir o direito de todos à educação, ainda em que em outra idade da vida das pessoas; aqui temos de pensar a EJA como política necessária também para o avanço do país. Quando as determinações do Ministério da Educação, em consonância com a Constituição Federal (BRASIL, 1988) e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996) estabelecem uma idade chamada de regular para que a pessoa tenha acesso à educação básica, que no caso no Brasil gira em torno de zero (educação infantil – creche) a 17 anos (fim do ensino médio), significa que o país organiza suas políticas, instituições, profissionais e destina financiamento para garantir esses preceitos legais para que o acesso seja ofertado, mas é preciso verificar, controlar e monitorar acerca das razões por que, depois de décadas de estudos sobre a importância da educação como prática de liberdade (FREIRE, 1967), ainda permaneça existindo pessoas jovens e adultas sem concluírem (ou sem nem mesmo iniciarem) seus estudos escolarizados (FRIAS; ALCOFORADO; CORDEIRO, 2020; PEREIRA, 2019).

Junto com isso e como desdobramento desse monitoramento ou dessa regulação, há que se estabelecer políticas efetivas para garantir o acesso à escolarização também durante a juventude ou a vida adulta. Quando Soares, Dias e Cunha Júnior (2022) tecem considerações acerca da educação de jovens e adultos e advogam a ideia de a EJA ser a oportunidade de se promover uma aprendizagem não tardia, esses autores estão justamente trazendo para o debate a reflexão em torno da qual defendem que essa modalidade de ensino pode ser vislumbrada a partir do viés do desenvolvimento humano, com foco na aprendizagem na idade em que a pessoa está. Ou seja, aprender não é algo

que só cabe na “idade regular”; cabe na idade em que a pessoa é mobilizada e tem garantidas as condições para aprender.

Tenho defendido a aprendizagem como um direito, o direito de aprender. E esse direito não está circunscrito à pessoa que se matricula na EJA; trata-se de um direito da humanidade, um direito da sociedade, posto que os benefícios da aprendizagem – ou do que uma pessoa aprende – não se restringem a essa pessoa como sujeito individual. O que uma pessoa aprende tem efeitos a longo prazo e com abrangências imensuráveis. Há diversos estudos (BÖES; MATOS; GUERRA, 2023; CUNHA JÚNIOR; SOARES, 2020; REIS, 2021; SANTOS; SOUSA; NUNES, 2024), sobretudo de autores membros de grupos de pesquisa e aos programas de pós-graduação, muitos dos quais vinculados ao Grupo de Trabalho 18 – Educação de Jovens e Adultos, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), e ao ForumEJA, que destacam como a EJA vai além dos indivíduos e como alcança toda uma sociedade; ou seja, a EJA como política e prática educacional, mas também como política que tem repercussão para outros seguimentos da vida das pessoas em sociedade.

Seu campo de pesquisa é o da didática, da formação de professores e do trabalho docente. Como a EJA se situa nesses três cenários?

R. Tenho atuado como professor de Didática há quase vinte e cinco anos e pesquisado sobre a formação de professores há aproximadamente três décadas e, há uns doze anos, tenho me dedicado a pesquisar sobre o trabalho docente (mais recentemente, também temos nos ocupado em nosso grupo de pesquisa sobre o trabalho de outros profissionais da educação).

Da Didática eu me refiro mais às experiências com estudantes das licenciaturas, oportunidade em que o debate sobre o ensino e a aprendizagem no contexto do mundo dos jovens e dos adultos sempre é pauta da disciplina. Tenho observado um interesse presente entre os licenciandos, nas diferentes áreas do conhecimento, em aprender mais sobre a educação de jovens e adultos. Vejo que há mais estudos, pesquisas e publicações científicas que provocam e fortalecem o interesse pela EJA.

Mas também observo que há um reconhecimento por parte dos jovens licenciandos de que o princípio constitucional registrado no artigo 205 da Constituição Federal de que a

educação deve ser para todos têm marcado esse debate nas licenciaturas; tudo isso associado ao reconhecimento por parte de graduandos de que o mundo atual demanda de escolarização para todas as idades, como requisito dos direitos humanos e, ao mesmo tempo, como prerrogativa para o desenvolvimento de qualquer país.

Do ponto de vista da formação docente, o próprio fato de, nas últimas décadas, haver uma disciplina (em alguns casos até mais que uma disciplina) em alguns cursos de licenciatura (notadamente no curso de Pedagogia), tudo isso reforça a ideia de que a EJA tem entrado na pauta, tem estado no centro da preocupação e das políticas de formação docente de modo a alcançar a modalidade da EJA não como um “puxadinho” na formação, mas como militância necessária e potente no sentido de promover o debate sobre a educação como direito também daqueles que já foram atingidos pela falta da oportunidade de estudar na infância e na adolescência. Em nosso grupo de pesquisa temos focado nos últimos anos em compreender as experiências de vida-formação-militância que permeiam as trajetórias de professoras/es que lutam pelo direito à educação de sujeitos jovens, adultos (SILVA; NUNES; FREITAS, 2024).

As demandas decorrentes da crise socio-climática têm sido objeto de preocupação dos pesquisadores da área da educação. No campo da EJA, essa preocupação se expressou no documento final da CONFINTEA VII, realizada em Marrakech, que alertou para a necessidade de pensar a aprendizagem e a educação para a cidadania. Como você enxerga o potencial da EJA nesse cenário?

R. A preocupação com as questões relativas à crise socio-climática tem sido objeto de preocupação dos pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento e isso é muito positivo. Em nossa área da educação essa preocupação tem um potencial imenso, pois tratamos diretamente com os processos de formação humana. As instituições escolares podem contribuir grandemente com a educação ambiental na medida que se ocupam sistematicamente com o ensino. É preciso que a educação ambiental esteja mesmo nos currículos em todos os níveis da educação básica.

No contexto da EJA, a crise socio-climática também deve ser objeto de ensino, inserida mesmo como conteúdo, sobretudo por ser uma preocupação de proporções internacionais e que atinge a toda a humanidade e considerando que as questões socio-

climáticas e ambientais no contexto brasileiro são vistas com grande interesse por estudos realizados ao redor do mundo (ALVES, 2022). Por outra perspectiva, o tema também deve se constituir objeto de estudo científico por parte de pesquisadores que se ocupam com a educação de jovens e adultos, sobretudo para melhor compreender melhores e mais apropriadas maneiras de desenvolver a educação ambiental nessa modalidade educacional. Os jovens e os adultos, acredito que até com mais potencial do que as crianças e adolescentes, precisam ter em mente que a crise socio-climática é assunto com o qual eles podem e devem se (pre)ocupar. Sobre esse tema, concordo inteiramente com Medeiros e Bernardes (2023), quando advogam que as temáticas da educação ambiental devem se fazer presentes na EJA, que, por sua vez, possui um público alvo muitas vezes suprimido da sociedade. No mesmo modo, penso serem valiosos estudos que focalizam questões como, por exemplo, a Educação Ambiental como preocupação para se pensar o currículo da educação brasileira (PEDROSA; PORTELA, 2023).

Você participou conosco, agora em 2024, do I Colóquio dos Grupos de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Como você enxerga esse movimento de articulação dos grupos de pesquisa?

R. Tenho compreendido que os grupos de pesquisa certificados por instituições de educação superior e por Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (de modo mais específico, aqui me referindo aos grupos que compõem o Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq) como um segmento das instituições onde a pesquisa pulsa. Apesar das crises vivenciados no Brasil, sobretudo nos últimos anos, após o golpe político de 2016, com Emenda Constitucional 95/2016 (BRASIL, 2016), com o avanço da extrema direita, do (neo) conservadorismo e do negacionismo no país (SILVA; BRITO; NUNES, 2020), os grupos de pesquisa permaneceram realizando estudos que possibilitaram evidenciar as dimensões da ciência nacional. Sobre isso, vale a pena ler um texto de Mainardes (2022), que contribui para as discussões sobre grupos de pesquisa na área de educação e apresenta algumas possibilidades metodológicas para a pesquisa sobre pesquisa em rede e desenvolvidas coletivamente.

Falar da importância dos grupos de pesquisa durante o I Colóquio dos Grupos de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos da UESB constituiu uma oportunidade em que eu pude chamar a atenção, também no contexto dos pesquisadores e estudantes comprometidos com o tema da EJA, acerca da relevância desses coletivos. Os grupos de pesquisa são constituídos e se mantêm pela adesão de pessoas interessadas com um mesmo tempo. Essa é uma característica importante, pois a razão para que estejam juntos, num grupo, são pautadas por interesses e comprometimentos, e não por obrigações curriculares; as pessoas estão ali mobilizadas por suas vontades de se dedicarem a um tema.

Nesse sentido, destaco que é nos grupos de pesquisa que os professores lideram um importante processo de estudos, reflexão, pesquisa, produção e difusão do conhecimento, envolvendo justamente pessoas que desejam estar ali e que têm interesse em temáticas com as quais são comprometidas humana, política e socialmente.

A oportunidade que tive de conversar sobre a os grupos de pesquisa durante o I Colóquio dos Grupos de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos da UESB, para mim, foi muito relevante para eu poder destacar a relevância dos grupos participantes do evento sobre a importância de sua contribuição para a ciência, de modo mais amplo, e da ciência sobre e na EJA, de modo mais específico. Mesmo quando se trata de pesquisa desenvolvida por uma equipe mais local, essa equipe precisa dialogar com outros grupos que estudam o mesmo tema, de modo a ampliar o potencial do debate de abrangência regional, nacional e internacional. Ou seja, um grupo de pesquisa constitui uma unidade local de uma comunidade científica que se preocupa com uma temática em nível global.

Você é dirigente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) desde 2019, tendo ocupado a função de vice-presidente para a região nordeste por duas vezes. Como você avalia a importância dos grupos de pesquisa para a consolidação do processo de interiorização da pós-graduação no Nordeste?

R. A composição de grupos de pesquisas, muitas vezes, ocorre quando algum docente conclui um processo formativo dentro de um programa de pós-graduação, seja em nível de mestrado ou em nível de doutorado. Em alguns casos, a constituição de um grupo

de pesquisa pode resultar, ainda, de um estágio pós-doutoral realizado por um docente que, quando retorna para suas atividades em sua instituição de vínculo, terminam por manter sua atividade em torno da mesma temática sobre a qual se ocupou durante o período de formação pós-graduada. Esse processo tem se ampliado na medida em que mais programas de pós-graduação têm sido autorizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Esses novos grupos de pesquisa que se formam, aos poucos, vão sentindo a necessidade de se juntarem a outros grupos de pesquisa que se ocupam de outras temáticas – ou outros campos – dentro de uma mesma área do conhecimento – ou áreas afins, de maneira interdisciplinar –, e aí temos a gênese que constitui a semente para a proposição da criação de um novo programa de pós-graduação.

Nas últimas duas décadas, o processo de ampliação da educação superior no Brasil, decorrente do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) – que tinha como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência à educação superior – aumentou expressivamente o surgimento ou ampliação de instituições de educação superior nas regiões interioranas, de modo que contribuiu fortemente para diminuição das assimetrias regionais.

Em decorrência disso, e como algo esperado e desejado, as novas instituições, com os novos profissionais e estudantes, que passaram a existir no interior dos estados, são a peça central para existirem novos grupos de pesquisa, com pessoas que nem sabiam ou que nem conheciam seus próprios potenciais para a pesquisa, e acenderem a ideia de que ali também pode haver um programa de pós-graduação. Assim, acredito mesmo que os grupos de pesquisa são a semente para as políticas institucionais de ampliação e fortalecimento da pós-graduação no interior. Esse foi – é ainda – o processo que tem se dado no Nordeste brasileiro.

Gostaríamos de saber como você percebe a atuação dos grupos de pesquisa na formação do futuro pesquisador.

R. Na condição de líder de um grupo de pesquisa registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e como alguém que pertenceu a grupos a longo de todo o meu

processo de formação e de atuação profissional, percebo que os grupos de pesquisa são o lugar/instância da instituição em que a pesquisa pulsa.

É nos grupos de pesquisa que estudamos temas de interesse do campo temático do grupo, sem nenhuma obrigação curricular, mas por vinculação de interesse de cada pessoa que compõe o grupo, por adesão ao tema assumido pelo grupo. O grupo de pesquisa, em muitos casos, é o lugar em que planejamos e rascunhamos nossos projetos de pesquisa, muitos dos quais de autoria de futuros estudantes da pós-graduação ou de estudantes da graduação, com forte contribuição para os programas de iniciação científica das instituições a que vinculamos.

É também nos grupos de pesquisa que nos reunimos em torno de uma temática em comum, com diferentes objetos de pesquisa do interesse de cada participante. Nessa dinâmica, e de modo muito particular, o grupo se constitui pela participação democrática de pessoas que estão em diferentes níveis de formação, desde o estudante da graduação até o pesquisador experiente, contando com pós-graduandos e, muitas vezes, com presença de pesquisadores externos à instituição, em ocasião de realização de estágio de pós-doutoramento, configurando uma contribuição interinstitucional ao grupo. Além disso, nos casos dos grupos da Área de Educação, há que se registrar, sobretudo nos últimos anos, a presença de professores da educação básica, que têm, cada vez mais na atualidade, se interessado pela pesquisa e pela produção de conhecimento, tornando-se, eles próprios, autores e não apenas leitores da ciência na área.

Nesse sentido, percebo os grupos de pesquisa como espaço democrático de formação de futuros pesquisadores e de consolidação do pesquisador experiente, seja na condução de suas pesquisas no tema do grupo seja na aprendizagem para atuar como formador de futuros pesquisadores.

No campo da educação de jovens e adultos, segundo um estudo realizado pelas professoras Morgana Zardo e Herminia Lage Fernandes Laffin (2019), existia no país no ano de 2019, 39 grupos de estudos na área. Passados cinco anos, já é possível perceber o aumento nesse número de grupos de pesquisa que são voltados para a EJA. Como você avalia isso?

R. O processo de criação e manutenção de novos grupos de pesquisa, de modo geral e com temáticas diversificadas, segue sua dinâmica observada quando do Reuni, pois seus efeitos são a longo prazo, embora se tenha percebido uma diminuição da criação de novas instituições de educação superior, sobretudo a partir do golpe de 2016. No contexto da temática da educação de jovens e adultos, o que tem se observado é que a consolidação de grupos já existentes, grupos esses vinculados a programas de pós-graduação que tem se ocupado em formar mestres e doutores com dissertações e teses sobre a EJA, tem sido um forte vetor de ampliação dos grupos em outros lugares, após os estudantes da pós-graduação concluírem seus processos formativos e retornarem para suas instituições. Esses novos titulados voltam para seus postos de trabalhos muito mais fortalecidos e comprometidos com suas temáticas de estudo.

No caso da EJA, que se constitui um campo temático muito ligado – e muitas vezes, até decorrente – à militância das pessoas envolvidas em defesa da democratização da educação para que o acesso ser garantido também aos jovens e adultos, os grupos são um foco de resistência e de luta em defesa da temática numa instituição. A pesquisa na/da/sobre a EJA mobiliza muito o pesquisador, a ponto que ele não consegue lidar com a temática sozinho ou restrito a sua instituição; aí a importância do grupo de pesquisa, por um lado, e dos fóruns, de modo mais amplo. O Grupo de Trabalho 18 – Educação de Jovens e Adultos, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), e no ForumEJA são exemplos ilustrativos do que aqui me refiro.

O que propomos no I Colóquio dos Grupos de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos da UESB foi articular e mobilizar as diversas frentes que os grupos assumem no campo da pesquisa com e para a EJA. Gostaríamos de saber como você pensa essa articulação entre os grupos, ainda que não sejam de áreas temáticas convergentes.

R. Considero muito importante, eventos voltados para fortalecer as pesquisas e os grupos de pesquisa. Nesse sentido, destaco que nesse processo é necessário focar apenas nos grupos cujas temáticas guardem grande especificidade entre si, pois há grupos de pesquisa que não são específicos da temática da educação de jovens e adultos, por exemplo, mas que realizam pesquisa sobre a EJA.

Para citar um exemplo, desde o início de 2013, cadastrei o Grupo de Pesquisa sobre Didática, Formação e Trabalho Docente (Difort/CNPq). Nesses anos o grupo tem realizado pesquisas, com quase quarenta dissertações defendidas e mais de dez teses defendidas ou em andamento, todas elas tendo a formação e o trabalho como mote central, considerando os diferentes níveis e contextos educacionais. Entre essas pesquisas, temos estudos sobre formação e trabalho no contexto da educação de jovens e adultos. Ou seja, o grupo não é específico da EJA, mas guarda aproximações com a EJA, pois realiza pesquisa sobre o tema e envolve pesquisadores comprometidos e que podem colaborar com os grupos específicos da EJA, pois são pesquisadores, inclusive com vinculação com o GT 18 da ANPEd e ao ForumEJA. Assim, defendo que devemos manter os princípios da colaboração, da parceria e da possibilidade de fortalecimento mútuo, pautados pela dinâmica da intersectorialidade. Ademais, sou capaz de concordar com os estudos de Degen *et al* (2018) quanto à estimativa de que a participação em grupos de pesquisa pode ser considerada como impulsionador do aumento na produtividade científica em nível internacional e, ao mesmo tempo, os grupos de pesquisa cooperam para o desenvolvimento dos pesquisadores.

Para finalizar, gostaríamos de saber um pouco mais sobre suas experiências com a EJA e como você enxerga a área no contexto atual.

R. Embora eu nunca tenha me ocupado de maneira exclusiva ou específica sobre o campo da educação de jovens e adultos, as temáticas da EJA sempre estiveram presentes nas oportunidades que minha caminhada na pesquisa tem me conduzido. A didática, a formação e o trabalho, como temas centrais de minhas pesquisas, têm sido conduzidas para abarcar a EJA também entre esses três focos.

Assim, pensar uma didática ética para o trabalho com a EJA, respeitosa e comprometida com o tempo histórico pessoal de cada estudante da modalidade é um ponto com o que tenho me dedicado em aulas que ministro nos diferentes cursos de licenciatura em que tenho atuado nos últimos vinte e seis anos de docência no ensino superior, vinte e três dos quais ensino a disciplina Didática.

Do ponto de vista da pesquisa, os estudos sobre a formação e o trabalho docente no contexto da EJA estão na agenda de estudos do Difort, grupo que lidero. No Difort temos

nos ocupado com estudos que destacam, entre outras coisas, a formação e o trabalho de professores da modalidade na perspectiva da militância. Assumimos no grupo tal posição justamente por compreendermos que a EJA – como política educacional, como currículo e como prática educativa – se assenta na esteira da luta por garantir direitos, não apenas dos cidadãos abrangidos como estudantes da EJA, mas sobretudo pelo direito à cidadania, que, por sua vez, inclui também o direito de toda gente de viver e se desenvolver em uma sociedade com escolarização para todos.

Assim, tenho destacado a EJA na perspectiva dos direitos humanos. Os seres humanos têm melhores condições de viver amplamente a cidadania quando têm acesso a processos formativos que possibilitem acessar a conhecimentos científicos que os libertem do senso comum e das fragilidades próprias da falta que a ciência pode provocar às pessoas.

O campo da educação de jovens e adultos no Brasil tem se consolidado no contexto atual, com a presença dos grupos de pesquisa em todas as regiões do Brasil, seja em contextos de grande desenvolvimento urbano seja em regiões mais interioranas. Esses grupos têm realizados estudos com preocupações voltadas para os diferentes aspectos que compõem a EJA, como, por exemplo, as políticas, os currículos, as práticas e mobilizações em torno da temática. Toda essa produção, fortalecimento marcada pelo pensamento freiriano e contextualizada com o momento atual da EJA, de modo a constituir novos e atuais olhares para o tema.

Tais estudos têm impactado o campo temático com resultados que têm redefinido a formação docente para EJA – com a presença cada vez mais observada de disciplinas nos cursos de licenciaturas e pesquisas nos cursos de pós-graduação, com forte impacto no fortalecimento de um arcabouço teórico sobre a EJA e nas práticas e ensino e de aprendizagem no campo temático.

Seguramente, esses destaques que aqui registro não seriam de proporções tão abrangentes se não fosse a ação dos grupos de pesquisa, redes, fórum e associações científicas, a que as pessoas comprometidas com a EJA estão vinculadas, os quais me possibilitam enxergar o tema para além das perspectivas particulares e individualizadas e me permitem perceber o debate sobre a importância dos grupos de pesquisa como produção coletiva.

Referências

ALVES, S. C. Internacionalização verde e as políticas internacionais de proteção socioambiental. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 2, p. e13832, 2023. DOI: 10.22481/redupa.v2.13832.

BÖES, J. C.; MATOS, D. V.; GUERRA, A. L. R. Desafios enfrentados pelos docentes da educação de jovens e adultos na atualidade. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 2, p. e13434, 2023. DOI: 10.22481/redupa.v2.13434

BRASIL. **Constituição Federal**, Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. **Emenda constitucional n.º 95**, de 15 de dezembro de 2016. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília: DF, 2016.

CUNHA JÚNIOR, A. S.; SOARES, L. J. G. Formar professores para a educação de pessoas jovens e adultas na América Latina: um campo em definição. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 42, p. 96-114, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i42.7338.

DEGN, L.; FRANSENN, T.; SORENSEN, M. P.; RIJCKE, S. Research groups as communities of practice: A case study of four high-performing research groups. **High Education**, 76, 231-246, 2018. <https://doi.org/10.1007/s10734-017-0205-2>

FRIAS, M.; ALCOFORADO, L.; CORDEIRO, A. R. O caso dos jovens nem nem: novas trajetórias, novos desafios. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 42, p. 186-216, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i42.7348.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MAINARDES, J. Grupos de pesquisa em educação como objeto de estudo. **Cadernos de Pesquisa**, 52, Artigo e08532, 2022. <https://doi.org/10.1590/198053148532>

MEDEIROS, A. B.; BERNARDES, M. B. J. Papel da Educação Ambiental para a Educação de Jovens e Adultos. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 40, n. 1, p. 143–162, 2023. DOI: 10.14295/remea.v40i1.13446.

MOREIRA, J. R.; VILAN FILHO, J. L.; MUELLE, S.P. Características e produção científica dos grupos de pesquisa do CNPq/DGP nas áreas de ciência da informação e museologia (1992 – 2012). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.20, n.4, p.93-106, out./dez. 2015

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

ORRICO, E. G. D.; OLIVEIRA, C. I. C. de. A representação metafórica nos caminhos do conhecimento em tempos de comunicação globalizada. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 5, p. 1-12, out. 2005.

PEDROSA, L. J. C.; PORTELA, E. L. O tema educação ambiental no modelo curricular do Maranhão: espaço e tempo em questão. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 2, p. e11516, 2023. DOI: 10.22481/redupa.v2.11516.

PEREIRA, Antônio. Os sujeitos da EJA e da educação social: as pessoas em situação de vulnerabilidade social. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 31, p. 273-294, jan./mar., 2019. DOI: 10.22481/praxis.v15i31.4673

REIS, S. M. A. O. Paulo Freire: 100 anos de práxis libertadora. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 47, p. 238-258, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i47.9443

SANTOS, A. R.; SOUSA, G. S.; NUNES, C. P. A EJA em escolas do campo na Bahia: a prática pedagógica de docentes em contexto pandêmico e pós-pandêmico. **Revista Cocar**, Belém, n. 31, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9684>.

SILVA, D. O. Vidal; BRITO, V. L. F.; NUNES, C. P. Neoconservadorismo e educação brasileira. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 10, n. 30, p. 25–41, 2020. DOI: 10.30612/eduf.v10i30.11886.

SILVA, A. K. L.; NUNES, C. P.; FREITAS, M. L. Q. Movimentos sociais enquanto espaço de formação e militância de professores/as: fóruns de educação de jovens e adultos. **XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste**. Anais. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2024. https://base.pro.br/sites/regionais3/docs/17932-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf

SOARES, G. G.; DIAS, L. A.; CUNHA JÚNIOR, A. S. Uma aprendizagem não tardia: considerações acerca da educação de jovens e adultos. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 1, p. e11183, 2022. DOI: 10.22481/redupa.v1.11183

ZARDO, M.; LAFFIN, H. L. F. Grupos de pesquisa sobre educação de jovens e adultos: panorama brasileiro. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**. Salvador, v. 7, 2019.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Claudio Pinto Nunes. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq- 1D. Professor Titular Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil.

E-mail: claudionunesba@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1514-6961>

Adenilson Souza Cunha Junior. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Pós-doutor em Educação pela (UFMG). É professor titular, com dedicação exclusiva, do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil.

E-mail: adenilsoncunha@uesb.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3622-1799>

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.

EDITORES

Patrícia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 15/12/2024 - Aprovado em: 20/12/2024– Publicado em: 26/12/2024.

COMO CITAR

NUNES, C. P.; CUNHA JUNIOR, A. S. Importância dos Grupos de Pesquisa e sua Contribuição para a Educação de Jovens e Adultos: Uma Entrevista com Claudio Pinto Nunes. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 5, número especial, p. 196-211. 2024.